

O AGRONEGÓCIO NO/DO BRASIL *
(questão específica)

Erika Vanessa MOREIRA **

Linha de Pesquisa: Estudos Rurais e Movimentos Sociais
Nível: Doutorado

Estabelecer uma relação entre a elevação dos preços dos alimentos – escala global -, e a expansão das culturas destinadas à exportação (*commodities* agrícolas) exige uma contextualização conjuntural e estrutural. Conjuntural pela busca incessante de novas formas de energia e estrutural, pela dimensão histórica.

A expansão das chamadas *commodities agrícolas*, em particular, a soja, o milho, a laranja (suco) e a cana-de-açúcar, está relacionada não apenas ao consumo alimentar, mas para a demanda energética dos países desenvolvidos, em especial, os EUA.

Segundo Graziano da Silva (1999), os incentivos criados (fomentados) para a expansão das áreas produtivas do agronegócio estão no cerne das atuais políticas agrícolas brasileiras. Todavia, salienta Fernandes (2001), dentro de uma visão crítica do agronegócio, estes instrumentos são impulsionados por multinacionais (por exemplo, Cargil, Monsanto etc.).

Agricultura brasileira, aliás, a agricultura de um modo geral, é marcada por um sistema predatório, extensivo e desigual; em decorrência da própria lógica do capitalismo.

Há, segundo os autores que têm uma visão crítica da expansão do agronegócio, uma territorialização dessas *commodities* no Brasil, sobretudo nos países em desenvolvimento para suprir a demanda dessas matérias-primas agroenergéticas dos países desenvolvidos.

A incorporação de terras ao agronegócio afeta, diretamente, as categorias de posseiros, parceiros, arrendatários, enfim, os pequenos produtores rurais. As figuras 02 e 03 demonstram, claramente, a concentração da soja e da cana-de-açúcar na região Centro-Sul (Sudeste, Sul e Centro-Oeste), fato diretamente relacionado a concentração fundiária.

Em decorrência da concentração fundiária e da expansão dessas *commodities* agrícolas, há, portanto, a territorialização do capital. Esse processo afeta inteiramente as relações de trabalho, pois os pequenos produtores rurais são subordinados a uma lógica produtiva, enfim, a lógica do capitalista. Assim, muitos agricultores são expropriados, isto é, são submetidos ao processo de desterritorialização (FERNANDES, 2001; HAESBAERT, 2004). Este processo ocasiona a ruptura do indivíduo com seu vínculo social (neste caso, a terra) e a busca, dentro de seus limites, para outra área.

Fernandes (2001), dentro da perspectiva da questão agrária, menciona que a inserção destes trabalhadores expropriados ocorre pela luta e o engajamento em um movimento social. Por meio da luta, segundo este autor, é possível a re-territorialização dessa agricultura com base no trabalho familiar. Todavia, esse processo mencionado, está permeado por relações de poder (econômico e político).

Outro ponto que merece ser enfatizado é que a expansão dessas *commodities* envolve diretamente a indústria. Isso decorre em dois momentos: a aquisição de implementos agrícolas (maquinários, tratores etc.) e a subordinação dessa agricultura à indústria. Há, portanto, uma indústria para a agricultura e da agricultura.

Haesbaert; Gonçalves (2006) ao abordarem a nova des-ordem mundial, relatam que a sociedade atual – sistema mundo-moderno-colonial- apresenta-se marcada pela busca incessante de

* Texto elaborado na prova de seleção para o curso de Pós-Graduação, Doutorado em Geografia, da Faculdade de Ciências e Tecnologia – UNESP – Presidente Prudente-SP em julho de 2008.

** Doutoranda no curso de Pós-Graduação em Geografia da Faculdade de Ciências e Tecnologia – UNESP – Presidente Prudente-SP. Bolsista Capes. E-mail: evmgeo@yahoo.com.br

novas fontes de energia, todavia, essa apropriação envolve poderes políticos e econômicos. Assim, criam-se, mudam-se e mesclam-se novas relações sociais produtivas, afinal, de poder.

Formam-se, também, novas redes e novos territórios, marcados pela lógica do capital. Todavia, essa lógica não é homogênea, embora predominante.

O discurso disseminado sobre a expansão do agronegócio não deve pautar-se, apenas, no aspecto conjuntural, o imediato, mas, nas estruturas que envolvem os interesses políticos e econômicos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FERNANDES, Bernardo Mançano. **Questão Agrária, pesquisa e MST.** São Paulo: Cortez Editora, 2001.

GRAZIANO DA SILVA, José. **O novo rural brasileiro.** Campinas: Unicamp, 1999.

GONÇALVES, Carlos Walter Porto; HAESBAERT, Rogério.

HAESBAERTT, Rogério. **O mito da desterritorialização.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

HAESBAERT, Rogério. GONÇALVES, Carlos Walter Porto. **A nova des-ordem mundial.** São Paulo: Editora Unesp, 2006.

A FORÇA DO LUGAR: CONTEXTOS E PERSPECTIVAS*
(questão geral)

Erika Vanessa MOREIRA**

Linha de Pesquisa: Estudos Rurais e Movimentos Sociais
Nível: Doutorado

Discernir sobre um tema, ou melhor, uma categoria analítica não é tarefa fácil, pois envolve, necessariamente, uma abordagem histórico-descritiva.

“Não há mais nada de concreto que o abstrato” (A. CORREIA, 1997). Esse trecho ilustra bem a articulação da categoria e suas dimensões. Para Haesbaert (2005), “o ir-e-vir dos conceitos ao longo do tempo, envolve, não apenas o surgimento de novas expressões e novas palavras, mas, sobretudo de novos conteúdos que são atribuídos a essas expressões”.

O texto ora apresentado objetiva abordar a categoria Lugar e suas dimensões sociais, culturais e políticas. Contudo, a abordagem apresenta suas limitações em decorrência do tempo e do objetivo proposto.

O Lugar, enquanto categoria analítica, na Geografia Tradicional era considerado um instrumento de localização. Sendo, portanto, enfatizados: o território e a paisagem nas investigações geográficas. Essa corrente priorizava as análises descritivas, além de vincular o saber geográfico a um interesse político-militar.

Alguns expoentes desta corrente, quais sejam: Hatzel; La Blache; Humboldt; Claval etc. Estes buscavam, dentro do positivismo, dar ênfase a relação homem-meio, priorizando de um lado, o determinismo (corrente alemã) e, de outro lado, o possibilismo (escola francesa).

A imposição, ou melhor, a consolidação de uma nova corrente geográfica ocorreu Pós Segunda Guerra Mundial, nos anos de 1950, com a associação de Lugar como uma área qualquer ou uma superfície. Essa Nova Geografia, marcada pelo positivismo, pelos modelos matemáticos, pelas teorias, enfim, promove a aproximação entre a Geografia e as Ciências Matemáticas.

Nesse íterim, o espaço e a região destacam-se nas pesquisas geográficas, pois os interesses políticos e as ações visando o planejamento emergiram proficuamente neste período. São expoentes dessa corrente geográfica, Hettner e Harsthorne, principalmente.

Essa Geografia Teorética foi criticada por muitos pesquisadores, em virtude de suas análises superficiais, estáticas e pragmáticas.

Nos anos de 1970, surgem correntes opostas à corrente pragmática, a Geografia Humanística e a Geografia Crítica. Embora ambas tenham perspectivas filosóficas e epistemológicas diferentes, Buttimer (1982) retrata que tanto a corrente humanística como a crítica buscam compreender o mundo a partir de uma visão holística, isto é, entender as múltiplas relações entre os indivíduos e o mundo.

A corrente humanística se apóia na fenomenologia e no existencialismo, aliás, Relph *apud* Ferreira (2002) propõe uma Geografia Fenomenológica, considerando a percepção e a relação internalidade e externalidade essenciais nas análises geográficas.

São expoentes dessa corrente: Buttimer; W. Holzer; E. Relph e Fu-Tuan. Para Buttimer (1982), cada indivíduo tem seu ponto zero, o Lugar, isto é, o lar e as demais instâncias (escola, trabalho, bairro etc) aparecem hierarquicamente no formato de um círculo (forma concêntrica).

A análise de Holzer (1997) sobre o Lugar envolve o que ele denomina de pontos essenciais: a intencionalidade, a identidade e a percepção (essência).

* Texto elaborado na prova de seleção para o curso de Pós-Graduação, Doutorado em Geografia, da Faculdade de Ciências e Tecnologia – UNESP – Presidente Prudente-SP em julho de 2008.

** Doutoranda no curso de Pós-Graduação em Geografia da Faculdade de Ciências e Tecnologia – UNESP – Presidente Prudente-SP. Bolsista Capes. E-mail: evmgeo@yahoo.com.br

Um dos principais expoentes da Geografia Humanística é Yi Fu-Tuan. Sua obra *Topofilia* (1980) considera o Lugar como espaço vivido. Para o autor, a subjetividade e a afetividade são os pontos-chave na análise geográfica do Lugar.

Fu-Tuan (1980; 1983) aborda o Lugar como o espaço permeado de símbolos e afetos e o considera como tudo aquilo que envolve a percepção, a identidade e a afetividade, ou seja, desde uma poltrona até um Estado-nação.

A subjetividade é criticada pela linha da Geografia Crítica, nos anos de 1970, por acreditar que essa visão fenomenológica oculta as desigualdades e as lutas de classe.

Marcada pela incorporação do método do materialismo histórico-dialético, a corrente geográfica crítica incorpora uma visão mais abrangente à categoria Lugar.

Para Carlos (1996), o Lugar é marcado por um espaço onde as relações espaciais são diretas. A autora define o Lugar pela tríade Lugar-Habitante-Identidade. Nessa mesma linha interpretativa, com algumas ponderações, tem-se o pensamento de Santos (2003).

A proximidade e a co-presença são elementos-chave na interpretação do Lugar para Santos (2003), aliás, lugar e cotidiano são indissociáveis.

O que diferencia a perspectiva de Carlos (1996) e Santos (2003) é a escala. Enquanto Carlos (1996) considera o Lugar, o espaço das relações diretas, do convívio (com o corpo), ou seja, uma rua, uma casa, um bairro, mas Santos (2003), por sua vez, a metrópole pode ser considerada um Lugar. Isso porque o autor o considera como depositário final dos eventos.

Dentro da perspectiva crítica, o Lugar não deve ser concebido apenas como um espaço vivido, subjetivo e percebido, mas como uma construção social, que envolvem, por sua vez, as dimensões econômicas, políticas e sociais.

É dentro dessa linha que Alain Bourdin (2001) trabalha, ou seja, o Lugar não deve ser compreendido dentro de uma vulgata localista, nem de um Lugar “herdado”(caráter estritamente antropológico) e tampouco de um Lugar “necessário”, mas como um Lugar construído. Essa construção ocorre pautada nas relações sociais e, também, nas relações de poder.

Assim, o Lugar não está dissociado de outros conceitos/categorias analíticas, como, o Espaço, por exemplo. Aliás, os conceitos não são estáticos e hierárquicos, mas justapostos.

A globalização não levou a homogeneização dos lugares, mas enfatizou (ressaltou) suas diferenças. E essas diferenças são produzidas dia-a-dia por meio do trabalho e das complexas relações sociais de produção.

O título proposto é emprestado do último capítulo do livro de Milton Santos, lançado em 1996, *A Força do Lugar*, o qual enfatiza o Lugar não apenas como baluarte da globalização, mas uma construção social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOURDIEN, Alain. **A questão local**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- BUTTNER, Anna. Aprendendo o dinamismo do mundo vivido. In: CHRISTOFOLLETTI, Antônio. **Perspectiva da Geografia**. São Paulo: Difel, 1982.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: Hucitec, 1996.
- FERREIRA, Luiz Felipe. Iluminando o Lugar: três abordagens (Relph, Buttner e Harvey). **Boletim Goiano de Geografia**. Goiânia, jan/julho de 2002. v. 22, n.01. p. 43-72.
- HAESBAERT, Rogério. Morte e vida da região. Antigos paradigmas e novas perspectivas da Geografia Regional. In: **Produção do espaço e redefinições regionais: a construção de uma temática SPOSITO**, Eliseu Savério (Org.). Presidente Prudente: UNESP/FCT/GAsPERR, 2005, p. 9-33.
- HOLZER, Werther. Uma discussão fenomenológica sobre os conceitos de paisagem e lugar, território e meio ambiente. In: **Território**. Rio de Janeiro: Garamond – LAGET/UFRJ, 1997, n. 03, p. 77-85.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço:** técnica e tempo, razão e emoção. 4ªed. São Paulo: Edusp, 2003.

TUAN, Yi Fu. **Espaço e Lugar:** a perspectiva da experiência. Trad. Livia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1983.

TUAN, Yi Fu. **Topofilia:** um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Trad. Livia de Oliveira. Difel: São Paulo, Rio de Janeiro, 1980.